



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 7 de Dezembro de 2019



Que ainda alguém nos invente | 2018 | Sofia Berberan (cortesia da artista)

CONTEMPORANEIDADES, ARTES PERFORMATIVAS E FINANCIAMENTOS: ANACRONISMOS DA LINGUAGEM

Zia Soares

O Teatro GRIOT é uma companhia de actores. Se, no início da companhia, há mais de dez anos, isso se deveu à necessidade de produzir espectáculos que permitissem a actores negros trabalhar regularmente, simultaneamente tornou evidente a necessidade de transpor para o palco questões relacionadas com a vivência quotidiana dos próprios actores.

Os instrumentos primordiais do actor são a voz e o corpo, ambos veículos de actos discursivos a diferentes níveis, e isso não pode deixar de ser um factor determinante na trajectória do Teatro GRIOT, dentro e fora do palco. Nesse sentido, a revisão da terminologia que o senso comum instaura na linguagem



quotidiana é objecto de uma rigorosa análise, tanto na prática da companhia, como na terminologia utilizada nas candidaturas a financiamentos.

A descolonização das artes, epistemológica por nexos de causalidade, não é importante somente para uma companhia como o Teatro GRIOT, é importante, mesmo essencial, para a desconstrução de estruturas de poder e mundividências obsoletas, fomentando a heterogeneidade de projectos em relação com a heterogeneidade de públicos que coexistem num mesmo território acompanhando as transformações nas sociedades contemporâneas.

Quando se fala da descolonização das artes, é essencial repensar a forma como as candidaturas a financiamentos são apreciadas. Os financiamentos dimensionam inevitavelmente as estruturas artísticas, e os modelos de avaliação reflectem perspectivas e linguagens anacrónicas face aos contextos das sociedades contemporâneas. Não é possível pensar em descolonizar as artes sem pensar na descolonização dos termos com que os financiamentos são atribuídos.

Ao longo destes 10 anos, a companhia obteve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Direcção Geral das Artes (Dgartes) – vários Apoios Pontuais de Criação e, durante dois anos, um Apoio Sustentado Bial – da União Europeia através do programa Europa Criativa, tendo circulado pela Europa e por África. Em 10 anos de actividade regular, o Teatro GRIOT desenvolveu uma programação temática por biénio, experimentando no palco – e também fora dele – a relação das artes performativas e o contexto pós-colonial, a relação do corpo com a identidade, a tensão entre corpo e território. O âmbito do questionamento é amplo, e abrem-se continuamente novas possibilidades de abordagem que devem encontrar expressão e reflexo nas práticas artísticas. Encontram, certamente, reflexo no público.

O Teatro GRIOT não obteve apoio da Direcção Geral das Artes para o biénio 2020-21. Apesar de tudo, no que diz respeito aos financiamentos, há uma enorme subjectividade – utilizada, talvez, demasiadas vezes como argumento – agravada pela distância entre quem avalia e a prática artística das estruturas que concorrem a financiamentos, que inevitavelmente terá que ser repensada. No entanto, aquilo que nos parece essencial referir, porque vai muito além da candidatura apresentada, é a forma como a candidatura foi entendida.

Diz o júri na apreciação da candidatura: “Destaca-se nesta candidatura o facto da GRIOT Associação Cultural organizar as suas produções em lugares prioritariamente não-urbanos e fora de espaços de maior relevo nas grandes capitais. Este aspeto pode ser importante para a compreensão do projeto na



CONTEMPORANEIDADES, ARTES
PERFORMATIVAS E FINANCIAMENTOS:
ANACRONISMOS DA LINGUAGEM

sua totalidade.” De facto, a GRIOT Associação Cultural promove, ao longo do biénio 2020-21 como um dos factores que determinam a programação, o desenvolvimento de actividades artísticas e culturais em territórios periféricos, fora de circuitos habituais e hegemónicos de apresentação. Esta articulação é estratégica. Mas, se por um lado, o desenvolvimento de actividades em locais periféricos é essencial como contributo para a expressão da diversidade de perspectivas, projectos e objectos artísticos, por outro, a companhia continua a apresentar-se em espaços de “relevo” nas grandes capitais, pelo que nos parece estranha a consideração do júri.

A linguagem descreve, mas veicula também um ponto de vista. Na sua apreciação, o júri refere que a GRIOT Associação Cultural desenvolve as suas actividades junto da população de “bairros desfavorecidos”: o que apreciam como sendo o envolvimento de “bairros desfavorecidos” é um sintoma da sua situação periférica, o que atesta a pertinência da criação de pontes entre territórios que o Teatro GRIOT tem vindo a estabelecer através de projectos artísticos.

O contemporâneo é um conceito em permanente actualização, acompanha os movimentos artísticos, políticos e sociais. Os modelos de avaliação da Direcção Geral das Artes devem adequar-se ao meio e não efectuar o movimento inverso. É evidente que um projecto apoiado com fundos públicos deve prestar um serviço público, mas não pode nem deve ser espartilhado, condicionado e adequado a uma visão obsoleta, em que o quantitativo se sobrepõe sem critério ao qualitativo, em que a programação é esquartejada aritmeticamente pela percentagem da classificação obtida.

Os projectos artísticos não reflectem uma visão universalista do mundo. Há cisões, há tensões, há territórios e perspectivas que se repercutem nos objectos artísticos produzidos e isso não pode, nem deve, ser ignorado. Sim, o Teatro GRIOT é parte de um contra-movimento artístico que não se deixa condenar pelo obsoleto. Sim, o Teatro GRIOT apresenta um elevado grau de imprevisibilidade. E, sim, não temos medo do desconhecido.

Zia Soares é atriz e diretora artística do Teatro GRIOT. Trabalhou com encenadores como Rogério de Carvalho, Bruno Bravo, António Pires, Nuno M. Cardoso ou Paula Diogo.

ISSN 2184-2566

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

